

CONTANDO, PLANTANDO E BRINCANDO: EXPERIÊNCIAS LÚDICAS COM A NATUREZA E A IMAGINAÇÃO

Amanda Bönmann¹

Isabelle Cristiny Machado da Silva²

Elenice Ana Kirchner³

RESUMO

Entre histórias contadas, sementes lançadas e risos compartilhados, este artigo apresenta uma experiência de estágio em Educação Infantil vivida a partir de um olhar que cultiva, junto às crianças, não apenas o conhecimento, mas também os sentidos da vida. O projeto “Contando, plantando e Brincando” nasce do entrelaçar de práticas pedagógicas sensíveis com os fios delicados da imaginação, do afeto e da natureza, pilares essenciais para a formação humana desde a primeira infância. Durante cinco encontros, as estagiárias fizeram-se parte da rotina escolar, como quem escuta com os olhos, age com o coração e aprende junto, valorizando os tempos da criança e suas múltiplas linguagens. A proposta parte da compreensão de que educar não é apenas ensinar conteúdos, mas abrir caminhos de encantamento, onde a palavra narrada se transforma em ponte para o outro, a terra semeada em responsabilidade, e o brincar em tradução da alma infantil. Com base em autores como Vygotsky, Piaget e Abramovich, compreende-se que a aprendizagem ocorre quando há espaço para sentir, imaginar e participar, quando o educar se aproxima da vida e das emoções que a habitam. A metodologia adotada envolveu a vivência direta e a escuta sensível das crianças, através de propostas lúdicas, narrativas literárias, cultivo de sementes e brincadeiras significativas, onde cada gesto, olhar ou silêncio revelava aprendizados em movimento. Os registros realizados ao longo do percurso revelaram crianças mais expressivas, curiosas e implicadas nas experiências, demonstrando que o vínculo e o encantamento são férteis territórios de aprendizagem. Mais do que um relatório de ações, este artigo é um testemunho do valor da escuta, da beleza dos pequenos gestos e da potência transformadora da ludicidade. Ao contar, plantar e brincar, colhem-se saberes e nascem vínculos raízes profundas que sustentam o florescer de sujeitos éticos, sensíveis e criativos.

Palavras-chave: Educação Infantil; Estágio Supervisionado; ludicidade; imaginação; desenvolvimento humano; formação de valores; contação de histórias.

¹Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI - Email: amandabonmann1990@gmail.com

²Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI - Email: isabellecristiny11@gmail.com

³Professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI - Email: elenice@uceff.edu.br

ABSTRACT

Amid stories told, seeds planted, and laughter shared, this article presents a supervised internship experience in Early Childhood Education, approached through a perspective that cultivates not only knowledge, but also the deeper meanings of life alongside the children. The project "Telling Stories, Planting, and Playing" emerges from the intertwining of sensitive pedagogical practices with the delicate threads of imagination, affection, and nature essential pillars of human development from early childhood. Over the course of five sessions, the interns became part of the school routine as those who listen with their eyes, act with their hearts, and learn alongside the children, valuing their time and multiple forms of expression. The proposal is based on the understanding that educating is not just about teaching content, but about opening pathways to enchantment where spoken words become bridges to others, where soil becomes a space of responsibility, and play a translation of the child's soul. Grounded in the theories of authors such as Vygotsky, Piaget, and Abramovich, the article emphasizes that learning occurs when there is room to feel, imagine, and engage when education is closely connected to life and its emotions. The adopted methodology involved direct experience and sensitive listening to the children, through playful activities, literary storytelling, seed planting, and meaningful play. In this space, every gesture, look, or silence revealed learning in motion. The records made throughout the process showed children becoming more expressive, curious, and engaged, indicating that bonding and enchantment are fertile ground for learning. More than a report of actions, this article is a testament to the value of listening, the beauty of small gestures, and the transformative power of playfulness. Through storytelling, planting, and playing, knowledge is harvested and bonds are born deep roots that support the blossoming of ethical, sensitive, and creative individuals.

Keywords: Early Childhood Education; Supervised Internship; playfulness; imagination; human development; values education; storytelling.

1 INTRODUÇÃO

Educar na infância é, antes de tudo, um gesto de escuta, cuidado e encantamento. É compreender que cada criança carrega em si um universo de possibilidades e que o brincar, a imaginação e o contato com a natureza são caminhos legítimos e potentes para a construção do conhecimento. Em meio às histórias contadas com olhos brilhando, às sementes cuidadosamente plantadas e às brincadeiras ao ar livre, nasce um modo sensível de ensinar e aprender onde a palavra ganha cor, o silêncio tem sentido e a natureza se faz presença viva na experiência pedagógica.

Foi com essa inspiração que se construiu a prática desenvolvida durante o Estágio Supervisionado I, vivenciado na turma do Pré A da Escola Municipal Cruz e

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

Souza, no município da Barra do Guarita – RS. A proposta pedagógica, intitulada Contando, Plantando e Brincando: experiências lúdicas com a natureza e a imaginação, nasceu do desejo de oferecer às crianças vivências que unissem o lúdico, a escuta afetiva e a presença da natureza em suas diversas formas. Ao longo de uma semana, contações de histórias, rodas de conversa, brincadeiras simbólicas e práticas de plantio revelaram-se oportunidades de conexão entre a criança e o mundo ao seu redor.

Segundo Pimenta (1999), o estágio é o espaço privilegiado para o futuro professor articular a teoria à prática, vivenciando de forma concreta os desafios e as belezas do cotidiano escolar. A autora afirma:

O estágio supervisionado, ao se constituir em uma atividade prática e reflexiva, deve permitir ao licenciando o contato com a realidade concreta da escola, possibilitando a compreensão dos processos educativos em suas múltiplas dimensões. O estágio não é apenas o momento da aplicação de técnicas ou teorias, mas o espaço de vivência e reflexão crítica sobre a ação pedagógica. (Pimenta, 1999, p. 18)

A prática pedagógica escolhida se justifica pela urgência de uma educação que valorize a infância em sua totalidade, respeitando seus tempos, suas linguagens e suas formas de expressão. Como afirma Hoffmann (2000), o olhar para a criança na Educação Infantil deve ser sensível e reflexivo, atento às suas manifestações, gestos, silêncios e curiosidades. Por isso, cada atividade planejada buscou promover uma escuta ativa, abrir espaço para o imaginário e favorecer vínculos afetivos entre os sujeitos.

Nesse percurso, a didática foi compreendida não como um conjunto de técnicas fixas, mas como uma prática viva e dialógica. Martins (2005) destaca que ensinar exige coragem para romper com o conforto das certezas e abrir-se ao novo, ao imprevisto e à escuta do outro. Foi com esse espírito investigativo e afetivo que nós lançamos à experiência, conscientes de que cada gesto, cada palavra e cada brincadeira carregavam a potência de educar com sentido e sensibilidade.

Inspiradas também pelos estudos sobre a infância como campo de pesquisa e ação (Rosemberg; Cruz, 2009), compreendemos que a criança não é um ser passivo, mas sujeito ativo de direitos, saberes e culturas. Ao envolver as crianças em práticas que integraram contação de histórias, música, natureza e movimento, buscamos

garantir-lhes experiências de pertencimento, descoberta e autoria, elementos fundamentais para o desenvolvimento integral e para a construção da identidade infantil.

Este artigo, portanto, não compartilha apenas um plano de atividades. Ele narra uma travessia afetiva e formativa: a de duas acadêmicas que, ao se aproximarem da infância com delicadeza e escuta, descobriram que ensinar também é aprender e que educar é, antes de tudo, um ato de presença. Nos capítulos a seguir, apresentamos os fundamentos teóricos que sustentaram essa proposta, as experiências vividas na prática e as reflexões construídas ao longo do caminho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PROJETO

2.1 A IMPORTÂNCIA DAS NARRATIVAS E DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A contação de histórias é uma prática essencial na Educação Infantil, pois representa um dos primeiros e mais significativos contatos da criança com a linguagem literária. Essa vivência vai além do entretenimento: ela estimula a imaginação, a criatividade e favorece o desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Desde cedo, ao serem inseridas no universo das narrativas, as crianças iniciam um processo de construção simbólica, cultural e linguística, desenvolvendo a capacidade de interpretar o mundo ao seu redor e atribuir significados às suas experiências cotidianas.

Refletir sobre a formação de leitores desde a infância implica reconhecer o papel da escuta e da literatura nesse processo, aspecto que é aprofundado por Abramovich (1989), em sua obra *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*, defende a relevância da literatura infantil como instrumento formador de leitores. A autora destaca que ouvir histórias não é apenas um momento lúdico, mas uma poderosa porta de entrada para o conhecimento. Para ela, “Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo” (Abramovich, 1989, p. 16). Tal perspectiva reforça a importância da escuta no processo de formação de leitores, ao associá-la à

construção de conhecimento e ao desenvolvimento da compreensão crítica desde os primeiros anos.

Nesse contexto, pode-se ainda estabelecer uma relação entre a contação de histórias e o brincar, ambos elementos fundamentais no processo de aprendizagem. Teóricos como Vygotsky e Piaget destacam a importância das atividades lúdicas no desenvolvimento infantil, compreendendo-as como experiências que facilitam a assimilação de novos conceitos e a expressão de emoções. Para Piaget (1971), o brincar simbólico representa uma forma de manifestação do pensamento representativo da criança, sendo essencial para seu desenvolvimento cognitivo. Quando essas vivências lúdicas se articulam com a linguagem das histórias, a criança amplia sua capacidade de representação mental e de elaboração de hipóteses sobre o mundo.

Ao ouvir uma história, a criança se conecta com emoções, situações e personagens, ampliando seu repertório simbólico e afetivo. A escuta de narrativas provoca reações variadas, que vão da alegria à tristeza, do medo à coragem, permitindo que a criança vivencie emoções humanas de forma segura, mediada pelo enredo e pelo narrador. Nesse contexto, ressalta:

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais. E viver profundamente tudo o que a narrativa provoca em quem ouve. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (Abramovich, 1989, p. 17).

Tais vivências demonstram que a literatura oral, ao estimular a imaginação e permitir a elaboração de experiências emocionais diversas, desempenha papel central no desenvolvimento afetivo e na construção subjetiva da criança. Assim, o ato de ouvir histórias torna-se uma prática formativa, que não apenas diverte, mas ensina, emociona e transforma.

Segundo Vygotsky (1984), a interação social e o contexto são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, pois permitem à criança a internalização dos saberes. Essa concepção aplica-se à contação de histórias, uma vez que o contato com as narrativas, mediado pelo educador, favorece a apropriação de novos conhecimentos. Ao integrar o lúdico à rotina escolar, o ambiente de aprendizagem

torna-se mais dinâmico, permitindo que a criança seja agente do próprio processo de construção do saber.

Compreendido o ato de contar histórias como um gesto de cuidado, aproximação afetiva e estímulo ao desenvolvimento integral da criança. A autora Abramovich (1989), destaca que ler histórias para os pequenos é uma prática que não se limita a um momento lúdico, mas envolve a construção do imaginário e a resposta às curiosidades infantis. Nesse sentido, ela afirma que "ler histórias para crianças sempre, sempre... é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, [...] é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas" (Abramovich, 1989, p. 17).

A narrativa, portanto, se configura como um espaço seguro para que a criança explore diferentes visões de mundo e construa seus próprios significados. Ao mergulhar nas tramas e nas emoções vividas pelos personagens, a criança exercita sua empatia, seu senso moral, sua capacidade de antecipar consequências e de refletir sobre valores humanos essenciais. Essa construção simbólica é indispensável à formação de um sujeito ético e crítico.

Portanto, ao integrar a contação de histórias na rotina da Educação Infantil, o educador promove não apenas momentos de prazer e encantamento, mas também contribui significativamente para a formação de um sujeito leitor. A leitura em voz alta deve ser constante, planejada e intencional, respeitando os interesses das crianças e contemplando uma diversidade de narrativas. Assim, a infância pode ser nutrida por três pilares fundamentais a fantasia, o conhecimento e a linguagem elementos essenciais para o desenvolvimento pleno de qualquer ser humano.

2.2 REFLETINDO SOBRE OS SABERES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR PARA O PAPEL DO PEDAGOGO (ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE)

A atuação do pedagogo na Educação Infantil exige um olhar atento, escuta ativa e sensibilidade para perceber as singularidades de cada criança em seu processo de desenvolvimento. Conforme afirma Hoffmann (2018, p. 72), "é a partir da escuta sensível que o educador consegue perceber o que a criança comunica além

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

da fala”, permitindo uma prática pedagógica mais significativa, acolhedora e respeitosa.

Antes da aplicação das práticas do Estágio Supervisionado I, realizado com crianças de 4 a 5 anos na Escola Municipal Cruz e Souza, no município de Barra do Guarita – RS, foi realizada uma semana de observação. Esse período teve como objetivo acompanhar o cotidiano da turma, identificar comportamentos, necessidades, interações e formas de expressão das crianças e, a partir disso, construir um planejamento alinhado às suas realidades e interesses.

A observação prévia permitiu reconhecer traços importantes da personalidade de cada criança, respeitando seus ritmos, expressões e modos de ser no mundo. Como defende Martins (2002, p. 44), “o professor que observa, escuta e acolhe está mais próximo de compreender o universo simbólico da criança e de atuar de forma coerente com suas necessidades e potencialidades”.

Essa escuta ativa está também ligada ao compromisso ético da docência, pois, como ressalta Hoffmann (2018, p. 19): “Quando o professor se dispõe a escutar verdadeiramente a criança, ele se compromete com uma educação humanizada. Não é apenas uma escuta técnica, mas uma escuta afetiva, sensível, que compreende os silêncios, os gestos, os olhares e os sentidos não ditos. ”

Com base nessas observações, as práticas pedagógicas foram organizadas em sequências didáticas que consideraram o contexto e a subjetividade de cada aluno, priorizando propostas que envolvessem o brincar, a experimentação e a valorização das expressões emocionais. A contação de histórias, a exploração sensorial, o movimento e a expressão artística estiveram presentes como ferramentas para promover um desenvolvimento integral e humanizado.

Dessa forma, o estágio não se limitou à execução de atividades, mas se constituiu como um processo reflexivo e afetivo, fundamentado na escuta, no respeito e na valorização das infâncias, conforme propõem autores como Hoffmann (2018) e Martins (2002), que defendem a educação como um espaço de relações, significados e aprendizagens construídas com e pelas crianças.

Durante o Estágio Supervisionado I, a partir do tema “Contando, Plantando e Brincando: Experiências Lúdicas com a Natureza e a Imaginação”, observou-se como as práticas planejadas e executadas com base no lúdico, na contação de histórias,

nas cantigas e no movimento contribuíram significativamente para o desenvolvimento integral das crianças.

Nesta etapa do artigo, destacam-se algumas práticas que mais marcaram a vivência docente, pela potência afetiva, simbólica e pedagógica que despertaram: a contação da história João e o Pé de Feijão, o plantio de feijões, a encenação da música Coral do Galinheiro, o circuito motor dos animais e a dramatização com a música A Sementinha.

A primeira atividade desenvolvida foi a contação da história João e o Pé de Feijão. As crianças foram convidadas a sentar-se no tapete disposto no chão da sala, formando uma roda acolhedora. A professora posicionou-se em uma cadeira um pouco mais elevada, de forma que pudesse ser vista e ouvida por todos. Em seguida, foi entoada a música “Com sapatos de veludo, nessa sala vou entrar, vou ficar bem quietinho para a história escutar”, que serviu como preparação para o momento de escuta, estimulando o interesse pela história que seria contada.

Durante a narrativa, as crianças interagiram com objetos concretos, como moedinhas de chocolate e uma caixinha representando o baú do gigante, criando uma ponte entre o imaginário e o real. O envolvimento foi espontâneo, permeado por expressões de surpresa, perguntas e comentários, sinalizando escuta ativa, curiosidade e empatia. Conforme aponta Abramovich (1989, p. 17), “ler histórias para crianças sempre, sempre... é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas”.

A esse respeito, vale citar um trecho mais extenso de Abramovich (1989), que sintetiza a importância da leitura literária na infância:

As histórias têm um poder mágico sobre as crianças, pois falam diretamente com sua fantasia e com seus desejos mais secretos. Não é apenas o conteúdo das histórias que encanta, mas a relação afetiva que se estabelece entre quem conta e quem escuta. É nesse espaço de imaginação compartilhada que nascem os significados e as emoções que permanecem na memória afetiva da criança. (p. 26)

Na sequência, realizou-se a atividade prática do plantio dos feijões no algodão. Antes de iniciar, as professoras explicaram de forma clara e simples que cada criança receberia um copinho transparente, uma bolinha de algodão e três feijões. As crianças

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

seriam responsáveis por todo o processo: encaixando o algodão no fundo do copinho, inserindo os feijões cuidadosamente e borrifando água para umedecer.

Com o apoio das professoras, a atividade ocorreu com autonomia, cuidado e envolvimento. Ao final, os copinhos foram organizados em uma prateleira e cada um recebeu o nome da criança, o que despertou grande entusiasmo. Diariamente, as crianças procuravam seu copinho, observavam atentamente as mudanças e regavam com carinho o próprio feijão.

Esse momento se transformou em um ritual afetivo e cheio de expectativa. As crianças demonstravam orgulho ao perceber que a plantinha crescia e verbalizavam sentimentos de alegria e pertencimento. Como destaca Hoffmann (2005, p. 38), “o desenvolvimento se dá nas crianças em ritmo evolutivo por meio de uma exploração ativa e incessante do meio”.

Complementando, Hoffmann (2005, p.40) afirma:

Toda proposta de aprendizagem significativa parte da curiosidade da criança, daquilo que ela vivência e deseja descobrir. A educação infantil, quando respeita esses movimentos, transforma-se em um território vivo de experiências e descobertas que deixam marcas afetivas duradouras.

Outra proposta marcante foi a encenação da música Coral do Galinheiro. Cada criança sorteou um papel com o nome de um animal (galinha, pato, peru ou passarinho) e recebeu a imagem correspondente para colorir. Foram disponibilizados diversos materiais, como lápis de cor, canetinhas coloridas e giz de cera, para que cada uma pudesse pintar o seu personagem de forma livre e criativa.

Após a pintura, as imagens foram coladas em tiras de papel com a ajuda das professoras, para serem utilizadas como adereços na apresentação. A música foi então apresentada e, ao longo de sua reprodução, a professora pausava trechos e convidava as crianças cujos animais estavam sendo citados naquele momento a imitar os respectivos sons.

Após o reconhecimento dos personagens, foi realizado a apresentação coletiva. A atividade desenvolveu expressão, ritmo, empatia e cooperação. Um aspecto marcante foi o cuidado espontâneo entre os colegas: quando alguém esquecia de imitar, outra criança prontamente ajudava, criando um ambiente de solidariedade e apoio mútuo. Como afirma Pimenta (2005, p. 88), “o estagiário precisa

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

reconhecer o espaço educativo como lugar de interações, experimentações e descobertas”.

No campo da expressão corporal, destacou-se o circuito motor dos animais, realizado ao ar livre. Cada estação representava um desafio inspirado em um animal: saltar como sapo entre bambolês, rastejar como cobra sobre colchonetes, pular cavaletes como cavalo. As imagens dos animais serviram como guias visuais. A proposta favoreceu o movimento, a autonomia e a cooperação, com muita alegria e invenção por parte das crianças.

Elas demonstraram entusiasmo desde o início, riram, se desafiaram e, ao final, pediram para repetir a atividade em outros dias. Esse desejo evidencia o quanto se sentiram envolvidas e felizes, fortalecendo o vínculo com a aprendizagem.

Encerrando a sequência, a dramatização da música A Sementinha uniu sensibilidade e simbolismo. As crianças representaram sementes que cresciam com a ação da chuva e do sol, usando adereços como guarda-chuvas com gotas de E.V.A., nuvens e sol também confeccionados em E.V.A. Com o desenvolvimento da canção, elas se movimentavam de forma espontânea, expressando crescimento com o corpo, emoção e alegria.

Foi um momento de forte envolvimento coletivo, em que cada criança se sentiu parte da cena e se emocionou com a própria atuação. Como afirma Hoffmann (2005, p. 72), “avaliar, na educação infantil, é um gesto de observação amorosa, é escutar com o coração, é perceber o invisível, é acolher a expressão da criança com empatia e respeito”.

Em todas essas práticas, o papel do pedagogo revelou-se essencial como mediador sensível, organizador de ambientes e provocador de experiências significativas. Planejar propostas que valorizem o brincar, o narrar, o cantar e o movimentar-se é reconhecer a infância como um tempo potente de descobertas e aprendizagens.

Assim, cada vivência relatada nesta análise revelou-se também um espaço formativo para as estagiárias, que aprenderam, com as crianças, que ensinar é, antes de tudo, escutar, sentir e criar com afeto. Como completa Hoffmann (2018, p. 35), “educar é um ato de amor, de envolvimento e de respeito pela infância”.

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

Essas experiências evidenciam que a formação docente na Educação Infantil vai muito além da aprendizagem de técnicas ou metodologias; trata-se de um exercício constante de sensibilidade, escuta ativa e reflexão crítica. O estágio se torna, portanto, um território fecundo de descobertas, onde o olhar atento ao cotidiano revela a potência do afeto como princípio educativo. Ao valorizar a infância como tempo presente e respeitar suas múltiplas linguagens, o pedagogo constrói um espaço de aprendizagem verdadeiramente significativo para as crianças e para si próprio.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos dias vividos no Estágio Supervisionado I, cada gesto, cada olhar, cada palavra dita ou ouvida transformou-se em fios sutis que entrelaçaram aprendizado, afeto e presença. Foi mais do que uma experiência acadêmica: foi um mergulho profundo na essência da infância, onde se aprende com o simples, se ensina com o coração e se sente com o corpo inteiro.

Cada tarde compartilhada na Escola Municipal Cruz e Souza deixou rastros de doçura e descobertas. Entre a escuta e a fala, entre o silêncio atento e a euforia das músicas, houve espaço para ver cada criança como única, inteira e cheia de possibilidades. As práticas não foram apenas planejadas: foram sonhadas, vividas, adaptadas e sentidas. E, por isso, deixaram marcas.

O olhar atento de cada criança, seus pequenos gestos de carinho, seus risos espontâneos, suas perguntas surpreendentes... tudo isso ecoa ainda dentro de nós como uma sinfonia delicada e inesquecível.

Agradecemos, com a mais profunda gratidão, à professora orientadora, pela escuta acolhedora e orientações tão cuidadosas, à professora supervisora, que abriu caminhos e confiou, à escola, que nos recebeu com afeto e respeito, à família de cada criança, pela confiança silenciosa. Mas, acima de tudo, às próprias crianças, que nos ensinaram mais do que todos os livros juntos, sobre sensibilidade, espontaneidade e o verdadeiro sentido de ser educadoras.

Levamos deste percurso muito mais do que registros e planos. Levamos sentimentos que não cabem em relatórios, levamos emoções que não se medem em palavras, levamos a certeza de que cada momento vivido foi profundamente

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

verdadeiro. E que amar a profissão é, antes de tudo, amar as pessoas que nela se cruzam conosco, em especial os pequenos que ainda estão aprendendo a ser, e que nos ensinam, dia após dia, a não deixar de ser também.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e educação infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

HOFFMANN, Jussara. **O lugar do educador na escuta da criança: o professor pesquisador e suas práticas**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2018.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática teórica, didática prática: para além do conforto**. Campinas: Papirus, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática?** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

ROSEMBERG, Fúlvia; CRUZ, Silvia Helena Vieira. Infância como campo de pesquisa e de ação: desafios contemporâneos. In: KRAMER, Sonia (Org.). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.